

O barqueiro de Vostok

Pedro Sasse

“Jack teve uma curiosa sensação de voltar atrás, como se sua vida se tivesse reduzido a uma simples faísca, enquanto o hotel e o solo de repente duplicavam seu tamanho e tornavam-se sinistros, sufocando-os como que dotados de poder inanimado.”

O iluminado, Stephen King.

1.

Foi tudo mais rápido do que eu imaginava. A chegada. As despedidas. As instruções. O avião, agora é apenas um tremor infimando-se no horizonte. Ventríloquo, o mundo lhe serve de fantoche, desanimando-se conforme a voz se perde no infinito. Sem mão que o mova, tudo se torna esse grande pano branco amarrotando-se em montanhas longínquas. E eu sou o olho de botão que assiste o baú sendo fechado, desejoso de aproveitar até a última fresta de luz.

A Estação Vostok é o único obstáculo aos restos de dia que patinam na imensidão gelada. A sombra projetada, débil, vai se dissolvendo em uma maior, a sombra da própria Terra. Assim permanecerá por meses. Noite Polar. Minha babushka, vinte anos antes, observa o grande Volga e diz “O Sol, Misha, gosta de nadar, como você. Todo dia, ele cruza o céu e mergulha na água, apagando o mundo. Ele nada, nada e nada, até cruzar por todos os mares e sair lá do outro lado.” “E se ele se afogar, babushka, o que acontece?”. Ela

calava-se, rindo das minhas preocupações. Eu, consternado, observava o astro afundando lentamente. “E se ele não voltar, babushka?”.

O vento anuncia o fim da contemplação. Traz consigo os setenta graus negativos que se estenderão ao longo dos meses seguintes, podendo piorar. Na minha frente, a única luz acesa na estação parece perder força diante da escuridão, como se a lâmpada, de súbito, houvesse virado uma chama fraca de lampião. O frio inunda meus pulmões enquanto me apresso em direção aos alojamentos. As instalações, antes mínimas, espremidas entre a vastidão de um continente vazio, agora se avolumam conforme o mundo perde seus limites, conforme a caixa termina de se fechar.

2.

Três gotas de sangue se precipitam no ar, colorindo a porcelana amarelada da pia. A agulha começara há pouco a arranhar o vinil. Esse é meu momento preferido de todas as músicas. Esse ruído mínimo que passeia pelas ondulações do disco. Barulho de tensão, de preparo. E ele persiste. Subcutâneo. A música dentro de toda música, o som que sobra quanto se pensa só haver silêncio. O fio vermelho escorre, dissolvendo-se em água no fundo da pia. Primeira praga: sangramento nasal. O coral toma a estação. As paredes reverberam diante das vozes. *Vsenoshchnoe bdenie*, uma vigília durante toda a noite. Meu trabalho.

Livre de toda a poesia que o polo pode inspirar em sua majestade, resta apenas uma realidade feita de placas de metal desconjuntadas, fios e tubulações. O ar é velho. Ainda paira o cheiro da carne humana outrora aqui enclausurada. Os gritos abafados pelo frio, a loucura do isolamento. Abro uma lata cheia de uma pasta homogênea. Cheira a feijões, o sabor é plástico. Vostok nunca antes esteve tão vazia. Foi projetada para vinte cinco homens, indo e vindo como pedaços de músculo no guisado que babushka sempre fazia aos

domingos. Pequenos insetos cavando pelo gelo nos dias quentes, buscando os santos graais da ciência. Antártida é o último dos passados. O último mistério a ser estampado no frágil papel dos jornais. O mundo já fincou suas pequenas bandeiras na Lua, mas só ponderam o que subjaz ao continente branco. Se você deitar perto o suficiente do chão, dá pra sentir a respiração de algo lá no fundo da terra. Algo ancestral. Adormecido em um sono inquieto. Pronto para despertar e limpar, de seu ombro, essa pequena poeira chamada humanidade.

Vostok nunca esteve tão vazia. O sangue cai novamente, dessa vez criando uma pequena poça no chão. Escuro, viscoso. Nos vídeos de orientação ele era rubro resplandecente. O pano espalha-o, mancha sobre outras manchas, uma união profana entre Pollock e um altar pagão. Além do coro de Rachmaninoff, nada mais se move. Vinte e cinco corpos deveriam estar aqui, não um. Nunca um apenas. Para além das funções de uma tripulação, há um motivo superior que determina esse cálculo cabalístico: é o número mínimo para sentir-se humano. O número para preencher o espaço vazio, para impedir as sombras e o ranger das portas, impedir que a falha da luz elétrica e a estática do rádio tomem à forma de nossos pesadelos. Os corpos em movimento hipnotizam a mente, nos afastam do abismo que existe dentro de nós mesmos e para o qual temos de lançar nosso olhar. Primeiro as famílias grandes, depois o movimento da cidade, por último a televisão. Precisamos dos demais. Sem o outro, como saberemos se ainda continuamos nós mesmos? Pode-se pensar que a lógica seria capaz de nos proteger das ilusões dos sentidos, mas sem o outro para confirmar sua sanidade, o pesadelo adquire uma ameaçadora aparência de verdade.

Vago por entre mesas de refeitório vazias. Sou o único instante presente nesse microuniverso. A estação, assentada há décadas nas costas desse gigante gelado, escorre do tempo. Estampas desbotadas na parede refazem a memória dos refeitórios da velha escola, em que comíamos embalados nas fanfarras soviéticas. Uso meu uniforme todo azul, o lenço vermelho no pescoço,

os sapatos polidos. A professora grita nossos nomes. As indústrias, ao longe, soltam uma fumaça cinza, em que se emoldam dragões para comer o céu, comer o Sol. O soldado conversa com a vendedora de rosas. Ao longe, o barqueiro solitário segue a preguiçosa correnteza do rio.

Passos na estação. Vulto, um menino seminu atravessa o corredor. A agulha da vitrola levanta, interrompendo o coro. Meu corpo, como se rapidamente afundado no mar, sente a pressão esmagadora vencê-lo. Um canto. Ouço uma inédita versão de *Ej, Uhnem* em que o vigor das vozes adultas dá lugar a um tom agudo, melancólico, distante. A fumaça das chaminés sai, agora, da minha própria boca. Seus dragões comem minha cabeça. Sinto o sabor do sangue na ponta dos lábios. O menino canta “*Ey, ukhnem! Ey, ukhnem! Yeshcho razik, yeshcho da raz...*”

3.

Todos, ao longo da vida, nos esbarramos em algum momento com a inevitável sensação de fragilidade do tempo. Para mim, foi durante um sonho. Estou sentado nos solenes bancos de madeira escura da velha igreja. O aroma da vela derretida torna tudo mais litúrgico. Nas bancadas, as velhas de vozes tremulantes entoam os hinos centenários. Meus olhos pesam. O mundo vai se estreitando, escurecendo, um calor quase maternal me cerca. Abandono a terra, viajando por entre estradas longuíssimas de pedra, curvando-se em si mesmas, como se projetadas por Möbius. No final, o mar. O vasto oceano onde dorme o Sol. Caminho. A princípio não percebo, mas há uma porta maior que tudo que já vi. Nela entra o Sol, ao anoitecer, deixando escapar as sombras até então contidas. Passeio sobre os umbrais da porta horizontal. O próprio espaço se curva, tal é a magnitude do portal. Algo mais mora lá. Algo que, me parece, sempre povoou meus sonhos, ainda que, como agora faço, apenas me

observasse pelas frestas. Coberto pela noite que anseia escapar, olhos me espreitam. E neles um reflexo perturbador: a minha própria fragilidade. Desperto. Mesmo com o ritmo arrastado da igreja, o coro ainda não terminou o verso em que adormeci. Segundos para os demais. Eras para mim. Envelheci naquele dia mais que em toda minha infância.

Com o passar dos anos, fui me dando conta de que o tempo era apenas outro acordo. Não importava de fato que o Sol levantasse para que fosse dia, nem que se pusesse para que a noite se iniciasse. Se todos decidissem que era dia, não importa que escuridão tomasse o mundo, todos sairiam de suas casas para as fábricas, para as escolas, para as praças. Na ausência de acordos que importem aqui, o tempo simplesmente abandonou esse lugar.

Um relógio digital marca 0 hora quando faço a checagem da sala de rádio. Marca 0 hora desde que o liguei. É mais quente aqui do que no resto do alojamento. O calor, contudo, está carregado de uma névoa tóxica, misto de suor humano e óleo. Conforme as instruções dos militares, sento diante do painel à espera de um sinal que desconheço. Dezenas de luzes piscam, enquanto a rádio, sintonizada na UVB-76 / 4625 kHz, emite um monótono, repetitivo e enlouquecedor sinal que se repete em intervalos curtíssimos.

Uma tarefa que seria banal em outras ocasiões, aqui assume outras proporções. Cada segundo em pé é uma luta constante contra a própria sanidade. Quanto tempo é possível ouvir a estática do rádio até que a interferência ganhe vultos de verdade? O alarme entra na cabeça como uma furadeira, corta a cada segundo, qualquer pensamento encadeado. A estação pendula como uma canoa entregue às correntes do Volga quando tento levantar. As articulações parecem preenchidas por limalhas de ferro. Caio batendo os joelhos com força no chão, soltando um grito abafado pela estática ensurdecadora. A criança no corredor ri e corre para o quarto.

4.

Passo as noites observando aquele teto estranho, vazio. As estampas de flores já desbotadas instilam uma nostalgia sufocante em meu peito. Não acredito que eu tenha conseguido dormir mais de duas horas seguidas desde que cheguei a essa estação. O resultado da vigília é uma sensação de completo esvaimento da realidade. Levanto. Caminho até a cozinha, sentindo o cheiro do café quente, recém-feito. Bebo um gole forte enquanto vejo a parada militar na televisão. E acordo. Sem café. Sem televisão. Às vezes preciso fazer a mesma ação três, quatro vezes até que a conclua de fato - ou que finalmente me convença disso. Outras horas, um pequeno bloco de memória se desprende de minha cabeça, precipitando-se contra o abismo. Em um momento estou diante da estação ouvindo os intermináveis sinais. Pisco os olhos. Estou caído no meio da sala, um copo está estilhaçado pelo chão. Mais um flash. Há cortes nos meus dedos. Estou no banheiro e há um rastro de sangue que se perde pelo corredor. Tento gritar, mas, muitas das vezes, apenas desperto de novo.

Uma nevasca faz com que a estação trema e a única luz acesa oscile, tornando o quarto um clube noturno abandonado. Estou deitado, completamente imóvel. Olhos abertos. As pupilas dilatam e contraem. Sinto, sobre meu corpo, um peso esmagador. Não posso me mover. Na rádio, a interferência tomou quase completamente a transmissão. Sou capaz de distinguir minha babushka entre um turbilhão de vozes. "Misha?". O coração acelera. Fecho os olhos me forçando a acordar. As vozes vão diminuindo até voltarem a ser apenas o monótono sinal.

Batidas na janela. O sobressalto tira meu corpo da letargia. Sinto dor na mão enfaixada e o sangue que escorre fino pela minha narina tem um cheiro de podridão. Mais toques no vidro embaçado. Um vulto quase imperceptível move-se do lado de fora. O frio rasgou qualquer conforto que

normalmente pudesse ter ali dentro. Agora, mesmo com os casacos, as meias, meu maxilar treme até os dentes ameaçarem trincar. Toco os dedos no vidro, tentando apalpar aquela imagem surreal que teima em se mover num ambiente completamente alheio à vida. Se me concentro o suficiente, há uma voz perdida entre o ruído do vento. Um grito agonizante, um lamento final. O vulto morre aos poucos. Suplica sua entrada em batidas cada vez mais lentas. Uma fresta nessa janela seria o suficiente para me enterrar em um eterno túmulo de neve. Assisto a criatura impossível do lado de fora morrer enquanto sinto que algo dentro de mim deveria responder diferente àquela cena. Algo dentro de mim já está morto.

Em seus últimos momentos de vida, o que deveria tornar-se silêncio multiplica-se. As batidas se proliferam por todos os vidros. Opostas ao vigor minguante do primeiro vulto, estas são cada vez mais intensas, violentas. A visão falha, a respiração fraqueja, temo apagar novamente. Acerto meu rosto repetidas vezes, gritando dentro de mim a necessidade de ficar desperto. O pior, então, acontece. Uma linha quase imperceptível se forma no vidro, não tardando em se alastrar em uma longa rachadura. O vento penetra com força no dormitório, como água em um submarino a vinte mil léguas de profundidade. Quando o vidro, por fim, cede, o assombro: uma nuvem desesperada de asas, bicos e penas preenche em segundos toda a estação. Sem norte, chocam-se contra portas, cortinas, máquinas e, principalmente, contra o meu corpo. Do lado de fora, uma imensa explosão anuncia a destruição dos geradores, uma volta à era glacial. Um bico penetra quase inteiro no meu torso. A ave parece devorar-me as entranhas. Apago.

5.

“Pust' begut neuklyuzhe, Peshekhody po luzham...”. Palmas. Violão. Paira uma atmosfera de alegria que deveria contagiar, mas como num filme mudo e preto e branco, a cena me vem aos olhos como uma sátira amarga da própria vida. No meio, o polkóvnik e sua impecável farda sobrecarregada arqueia a boca em uma expressão mal-treinada de alegria. À sua volta, os demais oficiais bebem e dançam, derrubando cadeiras, quebrando copos, se tocando. Eu, a apenas dois metros de todos, me sinto uma plateia distante. “Está esperando a Vodka evaporar, Rybak?”. Nascidos em Moscou, em sua maioria, não tardaram três dias em impor uma alcunha ao estrangeiro do grupo. Nascido nas curvas distantes do majestoso Volga, serei eternamente Rybak nas instalações do governo. Se pudesse haver escolhido, rybak seria minha profissão. Quando pequeno, sempre via os rybakov amarrando seus pequenos botes, vindos de uma longa jornada, cheios de histórias para contar. Vinham desde St. Petesburgo, parando de aldeia em aldeia, cidade em cidade. Para aqueles que ainda não haviam se acostumado ao dilúvio tecnológico que a União Soviética trouxe, os rybakov eram mensageiros. As babushkas vinham recebê-los trazendo bolos e frutas enquanto eles distribuía boas e más novas. “Oleg está muito doente...”. “Irinushka vai se casar”. “Dunya conseguiu emprego em Kazan”. Eu, sentado nas pedras do porto improvisado, ficava imaginando minhas próprias viagens pelas margens do rio: palácios de antigos monarcas, meninas encantadoras lavando roupas, a busca de um autêntico bagiennik. Mas meu pai queria que eu seguisse seus passos. Acabei mais um militar em um mundo com potencial bélico para extinguir a humanidade com um botão.

Um muro se ergueu no mundo. Divido entre dois lados de uma mesma moeda já gasta. Nações inteiras eram devoradas por dois grandes e famintos monstros que, como o Sol e a Lua, perseguiram um ao outro sem nunca alcançarem-se. E todos temem o eclipse. O momento em que ambos se tocarem e o céu escurecer. Falam sobre o apocalipse, tão prepotentes de que o fim do homem significaria o fim do mundo. Não há bomba forte o suficiente para

abalar aquilo de que a terra realmente é feita. Somos apenas uma mancha. Pequenos insetos inquietos, zumbindo na frente de um bolo.

“Soldado Mikhail, nós estamos precisando de voluntários para um posto de vigilância e o seu perfil se encaixa com nosso requisito”. O polkóvnik, desistindo de fingir alegria, volta ao eterno trabalho. Menciona a necessidade de um técnico para fazer a manutenção de uma estação de pesquisa na Antártica. “Os recursos da estação conseguem manter um soldado lá pelo inverno, mas não mais que um. Não conseguimos, pelo clima, mandar mais recursos para o local e precisamos de alguém acostumado à solidão para manter as atividades cruciais de pesquisa”. Após dois anos da Sibéria, eu acredito que as pessoas não passam de um incômodo na vista. Demasiado caóticas, barulhentas. Eu me engano. Mas só descubro isso duas semanas mais tarde. Ali, ainda tenho a ilusão de que nasci para aquela missão. Nasci para ser o último homem de uma terra sem cultura, sem pátria, sem língua, sem povo, sem vida. Nasci para testemunhar o que o mundo em breve pode se tornar: um deserto absoluto. Mas em vez de neve, verei precipitar as cinzas da civilização.

6.

Tenho seis anos de idade. Visito meus primos. Petya e eu brincamos na ponte. Acertamos pequenas pedras nos barqueiros que passam e nos escondemos depois. Gritam ofensas e nos ameaçam, mas seguem seu rumo. Somos apenas crianças. Mas não para o velho Vaselov. Atingido dias antes, ele nos espreita de longe. Espera o ápice de nossa distração. Então cai em cima de nós como o trôpego gigante dos contos da babushka. Com um pau, acerta nossas pernas e braços, fazendo-nos chorar. Petya, mais velho, consegue desvencilhar-se das mãos imensas. Eu fico para trás. Me arrastando em busca de uma saída enquanto a vara acerta impiedosamente meu corpo. Por fim, me

jogo da ponte. A queda, ainda que não muito alta, é suficiente para me atordoar. A água me inunda por dentro. Junto a ela o frio. No começo, sinto uma vontade enlouquecedora de lutar, escapar daquele tormento. Depois uma placidez vai tomando conta da mente, que pouco a pouco esquece o corpo. Sonho com as aventuras do pequeno Misha pelo Volga. Sonho com um avião cruzando o céu. Sonho com o grande oceano e com a sombra nele adormecida. Vou me entregando aos devaneios, já não me importo com Vaselov, com Petya ou com a babushka. Vou dormindo um sonho eterno. Até que me conseguem me trazer de volta. Arrancado das portas da morte, a volta à vida nada tem de confortante. Descobri naquele dia que a morte não dói, o que dói é o corpo enquanto ainda se apegua a vida. Quando desistimos, Marena, maternal, segura nossa mão e nos guia para o outro lado. Mas, se resolvemos dar a volta e correr na direção da vida, sua fúria se torna pura dor.

Retomo consciência na completa escuridão. A respiração está acelerada. A pele arde de frio. O corpo mal responde, mas estou coberto. Caso contrário não despertaria novamente. Sinto meu corpo envolvido por algo pegajoso que ainda se move lentamente. Aproximo as mãos da boca, na busca pelo resto de vida que só meu âmago parece manter. Parte da mão direita ficou exposta ao vento. Sinto as falanges petrificadas, os nervos mortos. Perto do meu rosto uma asa se estende em um gesto automático de sobrevivência. Estou cobertos por centenas de aves marítimas semimortas. Muitas estão com asas e bicos quebrados, outras completamente congeladas. Não fosse o frio, talvez já estivessem em plena putrefação. Sinto suas patas e penas agonizando pelo meu corpo, mas não posso livrar-me. O choque térmico seria suficiente para abater o que me resta de força. Antes, preciso comer. Após o desmaio, a letargia que me dominava partiu, deixando em seu lugar a plena consciência de meu estado débil. Tento rastejar entre o mar de cadáveres, mas o frio e a fome me seguram. O estômago treme, arranhando meus pensamentos. Conheço bem a única saída para a situação, mas me engano na busca de uma inexistente alternativa. Não tarda para que a fome vença o duelo.

Submerjo minha mão pelas aves agonizantes até alcançar a camada mais funda de corpos. Ainda há calor ali. Tateio por um corpo que ainda responda aos estímulos, garantindo a carne fresca. Ao apertar o que provavelmente era uma asa quebrada, um gemido grotesco escapa das penas. Arrasto a criatura para perto de mim, apalpando com o que me resta da outra mão em busca de seu pescoço. Quando encontro, torço. O barulho tão característico me conduz de volta aos dias na vila, com Petya. Quando a família toda se reunia, babushka buscava pelo pato mais gordo e torcia seu pescoço provocando o mesmo frio na espinha que agora eu sinto. Depeno seu torso com dificuldade, sentindo em minha própria pele cada pluma arrancada. Depois, o pior. O coquetel macabro, como chamavam no meu batalhão. A instrução militar me obrigou a provar em três ocasiões o sangue recém tirado de um pato. Drenado direto do pescoço. O soldado que vomitasse ficava sem jantar. Das duas primeiras vezes sofri a penalização. Na terceira, assim que a primeira gota tocou meus lábios, corri. Preso por semanas. Mordo a cabeça do animal, torcendo seu corpo para romper o pescoço. O frio me faz ter pressa. Quando a pele não mais aguenta esticar-se, uma torrente de líquido morno e grosso encharca meus lábios, entrando pelas narinas e garganta. O vômito vai e volta, impelido pelo sangue que desce. Embalado por aquele ritual profano, mordo a carne do animal, arrebatando pele, músculos e nervos, rompendo ossos. Sou um bicho primitivo novamente.

7.

“No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo”. Parece que ninguém nunca deu verdadeira atenção para a profundidade dos dois primeiros versículos de um dos livros mais impactantes da civilização ocidental. No princípio, Deus criou o céu e a terra. Apenas isso. Céu e terra. Mas ao fazê-lo, notou que já havia algo

lá: um abismo. E algo habitava esse abismo, algo que, sem a devida compreensão, chamou Javé de trevas.

Faço, no instintivo gesto de afastar o que não conheço, o mesmo que Javé: luz. A chama queima com tanta dificuldade que mal consegue iluminar a mesa em que se encontra o lampião. Tudo além de mim é vago. Tremula, como a luz, animando as sombras em uma *danse macabre* de vultos. Na porta entreaberta da sala de rádio, quase totalmente submerso na penumbra, o menino me espreita. Uma lufada de ar frio penetra na estação, me obrigando a me encolher em um canto. Ele, altivo, continua a encarar-me.

“Você não queria isso, Misha?”. A voz pertence a minha falecida babushka, mas a boca que se move é a do fantoche nas sombras. Fecho os olhos, tentando afastar o frio de minha razão, mas é atrás das pálpebras que ele se manifesta com plenitude. Longe do fogo e da estação, vejo o mar e o portal titânico dos meus sonhos. Vejo as sombras que assustaram Javé deslizando pelo abismo. A última, e talvez mais importante, descrição do paraíso feita por João salienta “E ali não haverá mais noite”. Ouço o coração do mundo antigo pulsar. Sua magnitude faz toda a estação vibrar. A sensação do poder avassalador, incompreensível e inominável me arrebatava. Subitamente, entendo.

Abandono a luz. O universo inteiro preenche, em mim, um vazio que nunca foi remediado. Meu desejo nunca foi ser um rybak. Meu desejo era apenas ser um barqueiro. Navegar até o portão de onde a noite surge. Nunca pude ser um bom soldado, nem um bom aluno, nem um bom filho porque não sou nada disso. Sou aquilo-que-não-pertence. “Esse é você, Misha”. Eu tenho onze anos. Estou na praça. Meninas de vestido pendulam nos balanços. Há um tocador de acordeão. As babushkas, reunidas, conversam e gesticulam rindo do mundo que começavam a deixar para trás. Sente-se uma forte rajada de vento. Um sopro tão intenso que carrega consigo toda a naturalidade da cena. O silêncio perdura até o cair da primeira pedra no chão. Granizo. Primeiro uma. Depois duas. Depois milhões. A praça, em instantes, abandonou tudo o que

aprendera em milhares de anos de civilização. Naquele momento, não se diferenciam de um formigueiro sendo cruelmente cutucado por Petya. Todos correm, caem, gritam. Janelas quebradas, carros amassados, o acordeão em pedaços. Eu, no meio da praça, sorrio como nunca antes o fiz. Por primeira vez eu vejo o mundo aceitar o que realmente é. Por primeira vez, eu vejo o mundo atrás de sua frágil máscara.

“Agora que você entende, Misha, vamos para casa”. O menino caminha na neve. Por um momento, algo dentro de mim grita, mas estou demasiado longe para ouvir. Ao abrir o portão principal, a noite penetra na estação, penetra em mim. Uma ave, talvez a última sobrevivente, me observa com seus olhos confusos. Abro caminho entre o vento e a neve. Sinto minha carne ser levada aos poucos, até sobrar só o espírito. Em breve, não serei diferente do menino. Vostok vai ficando para trás conforme me conduzo ao fim de minha longa vigília. “Aqui estamos”. Por baixo do gelo, vejo cintilar o portão que outrora habitou oceanos longínquos. O abismo ocultou-se no último mistério da humanidade. E ninguém soube o que procurar. Ou talvez soubessem e por isso me mandaram. Por que sabiam que só eu conseguiria ouvir seu chamado. No vazio, algo ainda mais escuro serpenteia em minha direção. Tentáculos me carregam para a completude. Por um breve momento, o eu que dentro mim grita se volta para ver o amanhecer após a longa noite. E afundo.

As últimas notas de *Vsenoshchnoe bdenie* ainda soavam no ar.